Entretantos, 2014

Grupo: **INCUBADORA DE IDEIAS**

Integrantes: Noemi Moritz Kon, Heidi Tabacof e Grupo aberto para todos Membros e Aspirantes a Membro do Departamento de Psicanálise

Articuladora da Área de Formação Contínua: Noemi Moritz Kon

"AFINAL, O QUE É A INCUBADORA?"

Apresentadora: **HEIDI TABACOF**

No Google, nosso novo "oráculo" - como ouvi ser apelidado esse recurso recentemente por um jovem profissional da área de tecnologia - Incubadora de Ideias ou de Projetos aparece como um mecanismo que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas, "com o objetivo de tirar boas ideias do papel, opera sem fins lucrativos e está associada a experiências de economia solidária e de bancos comunitários.

Inspirada no conceito de autogestão como abertura ao possível e na produção de direitos como característica da democracia, a construção de uma Incubadora de Ideias no Departamento de Psicanálise surgiu no contexto da discussão política de sucessivas gestões do Conselho de Direção nos últimos 10 anos.

E no Departamento, hoje, a Incubadora é, de fato, um lugar de encontro, de expressão, de debate e de invenção. Uma espécie de ágora instalada no seio do Departamento que funciona como um grupo de trabalho aberto, de livre participação para todos os membros e aspirantes que por aí queiram passar, permanecer, se assim desejarem, enquanto houver interesse, seja apenas de se aproximar para conhecer e conversar sobre o Departamento, seja de propor projetos ou encontrar com quem conversar sobre algo que vinha sendo pensado, às vezes apenas sonhado, que sem compartilhar com alguém ficaria no ar ou seria articulado em outro lugar, como tantas vezes, fora do Departamento.

A Incubadora é um dispositivo que, por ser de livre acesso e funcionar sem pautas prévias, tem uma configuração sempre diferente que lhe confere algo de frescor, de surpresa e de agilidade, e assim cria um ambiente de discussão capaz de despertar entusiasmo em colegas que experimentaram sua dinâmica inusitada em nosso contexto institucional.

A Incubadora é um endereço a que podem recorrer os aspirantes e membros do Departamento que desejam estar com outros por diferentes motivos, sempre impulsionados pela imperiosa necessidade de constituir campos propícios à circulação do pensamento sobre a psicanálise encarnada em nossas práticas, necessidade que nos leva sempre a buscar inserção nas instituições psicanalíticas apesar dos conhecidos efeitos nefastos resultantes da incestualidade da transmissão da psicanálise e do narcisismo das pequenas diferenças que não cessam de produzir distorções na realidade institucional - ou ao menos na percepção que dela constroem os indivíduos e os grupos.

Mesmo assim insistimos, porque é ela, a instituição psicanalítica, como associação de analistas, que proporciona a convivência imprescindível ao reconhecimento recíproco da nossa existência profissional, bem como nos permite o salutar arejamento das ideias e a circulação essencial para quem vive o dia a dia imerso no trabalho com o inconsciente, em afazeres clínicos das mais diversas formatações, de acordo com um dos nossos princípios ético-políticos fundamentais: acolher, sustentar e fazer trabalhar as diferenças teórico-clínicas do campo freudiano.

Assim, em seus primeiros tempos de atividade, a Incubadora atraiu tanto antigos colegas do Departamento, inativos por falta de alternativas de inserção, quanto os recém-chegados através da Comissão de Admissão ou na condição de aspirantes. Mesmo dispondo hoje, na página do Departamento no site do Instituto, de um mapa dos grupos de trabalho existentes e das instâncias há muito instituídas para a recepção de novas propostas, os colegas não conseguiam transformar seu desejo de fazer parte em oportunidade real de trabalho, em contradição com outro princípio

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-001
São Paulo/ SP

ético fundamental do Departamento: o pertencimento sustentado pela produção e não por uma filiação passiva, de pura reprodução.

Ao longo desses 3 anos, passaram pela Incubadora colegas que criaram redes transferenciais horizontais, articulando em novos grupos de trabalho algo em torno de 60 membros, uma significativa parte deles se reaproximando depois de algum período de afastamento, enquanto outra parte, mesmo já participando dos grupos existentes, entendeu tratar-se da oportunidade de estabelecer novos laços, tentar novas possibilidades de transferências de trabalho de potencial transversalizante, aventurando-se assim para além das relações já estabelecidas. Talvez, ajudando a ultrapassar as fronteiras de nossas ilhas de felicidade cercadas por um mar de má vontade, como parece ser o desenho do Departamento implícito em muitas falas sobre a relação entre os grupos de trabalho em que se está engajado - ou ao menos algum subgrupo dentro dele -, e o conjunto do Departamento. Tanto melhor que os locais que nos proporcionam a oportunidade de realizações que verdadeiramente nos satisfazem sejam percebidos assim; lamentável é que a má vontade, quando não a hostilidade, rivalidade ou a total indiferença estejam tão presentes em um agrupamento como o nosso.

Com isso, retomando o fio da história, lemos em dado momento nos grupos de que participei na direção do Departamento, que faltavam reais condições de acolhimento e sustentação para as novas propostas de trabalho. Aliás, constatamos ter sido abandonada uma atitude mais propositiva nesse sentido, e que só o Conselho de Direção, com sua legitimidade, poderia oferecer aos membros em sua diversidade de circunstâncias, a consistência dos recursos institucionais indispensáveis ao desafio de criar um movimento libidinal intenso, contagiante, baseado em vínculos de tom fraterno mais amistosos e igualitários, que revitalizem e reafirmem nossos valores de origem, ainda de interesse geral, como nos parece. Inclusive a fundamental necessidade de nos repensar e recolocar continuamente...

Formação Contínua, área existente desde sempre em nossa estrutura organizacional, é talhada para o mesmo fim, mas entendemos que faltavam os meios concretos para a viabilização dos projetos, e antes e junto com isso, um

posicionamento ativo do Conselho de Direção no sentido de estimular, atrair e apoiar iniciativas de toda ordem, que estejam dentro do escopo ético que se supõe que compartilhamos. Constatamos que mesmo membros de reconhecida competência entre nós, potenciais atratores de transferências de trabalho, tiveram dificuldades e não conseguiram viabilizar propostas que seriam do nosso maior interesse. Pensamos, erroneamente, que tinha deixado de existir entre nós a cultura da construção de novos agrupamentos de trabalho. Mas, mais que isso, no curso da experiência da Incubadora, pudemos observar que não há nesse momento entre os membros do Departamento o desejo de integrar estruturas grupais verticais, de acordo com o modelo de mestria tão próprio à transmissão da psicanálise (com seus mencionados fenômenos de natureza incestuosa), que privilegiam sempre a dimensão da formação e nela a transmissão assimétrica do saber, que em sua pior vertente tende a promover transferências infantis hiperadesivas, apaixonadas e violentas que consomem, apequenam e tornam extremamente desprazeroso o cotidiano institucional.

Por outro lado, constatamos haver um grande interesse na formação de grupos horizontais, paritários, com um proponente que funciona como organizador da tarefa. Algo da ordem da autogestão, justamente, e com esse enquadre foram criados e estão em pleno funcionamento grupos de discussão clínica, grupos de leitura e discussão teórica, grupo de reflexão sobre a experiência clínica institucional, e mesmo um grupo que realiza uma intervenção clínica institucional externa, com o apoio de um grupo interno de discussão e leitura.
Dessa forma, um princípio de origem, constante em nossa carta de fundação, é até hoje vigente: a já referida noção de que esta associação deve se destinar à produção de psicanálise, não apenas à sua reprodução, mesmo que possamos divergir muito no entendimento do que isso significa.

Acredito que o marco de referência de 10 anos, referido acima, é a publicação do livro sobre a *História do Departamento*, que mesmo em sua inexorável parcialidade de perspectiva, nos colocou na era da história escrita. E como evitar reificar a parcialidade a não ser sabendo disso e podendo afirmar o fato como ponto de partida e convite para a construção de outras narrativas? Mas saímos da era da

história oral, e pelo que pude acompanhar, isso foi realizado em um processo que se fez com a firme determinação de não ceder à demanda de privilégios de acesso ao que estava sendo feito durante a confecção do texto, e a constante busca de formas democráticas de apresentação do resultado final ao conjunto dos membros, para ouvir sua opinião, e ao mesmo tempo buscar a consolidação da legitimidade do poder de condução política do processo pelo Conselho de Direção.

Talvez, por tudo isso, o lugar do Conselho de Direção venha adquirindo interesse renovado, colocando em seu percurso recente questões quanto aos modos atuais de exercício político e administrativo, e das nossas práticas de eleição e gestão, que incluem também a Comissão de Admissão, outro ponto nevrálgico do nosso funcionamento. Penso que só podemos atribuir a essas instâncias gestoras o poder e a autonomia desejáveis, se ao mesmo tempo construirmos ferramentas capazes de propiciar a transparência necessária e suficiente para nos co-responsabilizarmos pelos processos que conduzem. Afinal, quem em sua atividade psicanalítica, sempre tão complexa e difícil de ser comunicada, cabe em nossa concepção do que é ser um psicanalista? E como aferir isso, em um ambiente que não convoque excessiva persecutoriedade nem nos recoloque na posição que tratamos de refutar, de pretender autorizar psicanalistas, outra marca distintiva do Departamento?

Compartilho o que venho pensando e contextualizo com isso, assim espero, o surgimento da Incubadora num momento de passagem geracional em que é fundamental dizer e lembrar sempre, que os nossos antecessores e hoje colegas, companheiros e também amigos, não devem ser eliminados para que façamos nossa parte, assumindo a maturidade que é sempre, afinal, a nossa melhor hipótese... E é muito oportuno mesmo estarmos mais maduros nesse momento, como condição básica para melhor enfrentar o contexto macro institucional de modificação das condições de existência e sobrevivência dos diversos grupos que constituem o Instituto Sedes Sapientiae.

São tempos de crise, de instabilidade, de incertezas perturbadoras, e como sempre também nessas ocasiões, oportunidade de realizarmos a superação dos conflitos

internos mais desvitalizantes, mobilizando de forma engajada e independente nossas próprias potências de sustentação.

Somos muitos e diversos, partilhamos valores e vivências preciosas e precisamos encontrar uma posição comum como associação de analistas num campo do qual pouco participamos como coletivo, apesar das inúmeras inserções significativas de nossos membros em instituições variadas. Produção individual e produção coletiva, como é possível dar lugar a todas elas?

Afinal, a Incubadora é um movimento libidinal e produtivo deflagrado no coletivo pela atividade política e institucional que se baseou na análise sustentada por colegas interessados em pensar o Departamento em determinado momento histórico, que foi favorecido em sua ação por articular forças políticas provenientes de diferentes lugares do Departamento. Materializou–se em um dispositivo destinado a catalisar e desenvolver impulsos criativos, animada pelo espírito de solidariedade, de paridade e da alegria na realização do trabalho conjunto, quando imantado pelo próprio desejo.

Agradeço ao atual Conselho que, em parceria com a Incubadora, deu forma ao evento Entretantos, que com seu nome poético e sugestivo expressa esse mesmo espírito, nos convidando a partilhar o que estamos fazendo e conversar a respeito. Acreditamos que a Incubadora tem produzido bons efeitos por ser a resposta adequada (uma das possíveis) para desafios importantes que nos foram apresentados em determinado momento político. É preciso seguir pensando. Como seguir? Quais as questões que nos interpelam agora? O que queremos para Departamento? Que Departamento queremos?